

# **“É uma casa portuguesa, com certeza!” A Assembleia de Deus na Covilhã**

**Saulo Baptista\***

## **Resumo**

Este texto é parte de uma pesquisa de pós-doutoramento na Universidade da Beira Interior, em Portugal. O foco é a Assembleia de Deus da Covilhã, situada na região das Beiras, onde se concentra o maior polo de lanifícios da península ibérica. A cidade abriga, também, a referida universidade, que recebe, anualmente, centenas de estudantes estrangeiros. O artigo trata das origens da comunidade pentecostal, com base em depoimentos dos membros mais antigos. É possível perceber singularidades sobre a implantação e desenvolvimento do movimento pentecostal na Covilhã, na leitura dessa abordagem histórica e sociológica, em comparação com o que aconteceu no restante do país. O pentecostalismo português ainda se comporta como seita, no sentido weberiano do termo.

**Palavras-chave:** Covilhã; Transformações socioeconômicas; Assembleia de Deus; Pentecostalismo lusitano.

## **“It is a Portuguese house, for sure!” The Assembly of God in Covilhã**

## **Abstract**

This text is part of a postdoctoral research at the University of Beira Interior, in Portugal. The focus is the Covilhã Assembly of God, located in the Beiras' region, where the largest wool complex of the Iberian Peninsula is concentrated. The city is also home to the university, which annually receives hundreds of foreign students. The article deals with the origins of the Pentecostal community, based on testimonies from the oldest members. It is possible to perceive singularities about the implantation and development of the Pentecostal movement in Covilhã, in the reading of this historical

---

\* Doutor em Ciências da Religião (Universidade Metodista de São Paulo), professor adjunto na Universidade do Estado do Pará. Realizou estágio de pós doutoral em Sociologia da Religião na Universidade da Beira Interior, em Portugal. Bacharel e licenciado em Ciências Sociais. Email: saulo.baptista@gmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4684065168175414>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3188-0341> .

and sociological approach, in comparison with what happened in the rest of the country. Portuguese Pentecostalism still behaves as a sect, in the Weberian sense of the term.

**Keywords:** Covilhã; Socioeconomic transformations; Assembly of God; Lusitanian Pentecostalism.

## “¡Es una casa portuguesa, seguro!” La Asamblea de Dios en Covilhã

### Resumen

Este texto es parte de una investigación postdoctoral en la Universidad de Beira Interior, en Portugal. El enfoque es la Asamblea de Dios Covilhã, ubicada en la región de Beiras, donde se concentra el poste de lana más grande de la península ibérica. La ciudad también alberga la universidad mencionada, que recibe anualmente cientos de estudiantes extranjeros. El artículo aborda los orígenes de la comunidad pentecostal, basada en testimonios de los miembros más antiguos. Es posible percibir singularidades sobre la implantación y el desarrollo del movimiento pentecostal en Covilhã, en la lectura de este enfoque histórico y sociológico, en comparación con lo que sucedió en el resto del país. El pentecostalismo portugués todavía se comporta como una secta, en el sentido weberiano del término.

**Palabras clave:** Covilhã; Transformaciones socioeconómicas; Asamblea de Dios; Pentecostalismo lusitano.

### 1. Introdução

A Assembleia de Deus é uma denominação pentecostal que se desenvolveu em Portugal, a partir de 1913.<sup>1</sup> Teve origem no trabalho missionário de portugueses que se converteram quando eram emigrantes em Belém, norte do Brasil, os quais, depois, retornaram à pátria de origem, com apoio da denominação brasileira e de missionários suecos, estes provenientes dos Estados Unidos da América. Estes, por sua vez, haviam iniciado a igreja, no Brasil em 1911.

---

<sup>1</sup> Nos limites deste artigo, não cabe desenvolver uma taxonomia sobre as denominações cristãs. Assim, utilizaremos o termo evangélico no sentido êmico, ou seja, o modo de se autodenominar dos próprios fiéis. Quanto aos evangélicos e suas derivações, ou seja, protestantes, pentecostais e neopentecostais, o que os caracteriza é se considerarem herdeiros dos movimentos de reforma do século XVI. Por sua vez, o que distingue pentecostais e neopentecostais de outros evangélicos é a defesa de uma doutrina, chamada “batismo com o Espírito Santo”. Os fiéis desses ramos do cristianismo almejam ser possuídos pelo Espírito Santo, como uma segunda experiência de espiritualidade: a primeira é a conversão, quando o indivíduo abandona “o mundo [que] jaz no maligno” e se torna discípulo de Jesus; a segunda experiência é o batismo com o Espírito Santo, quando o crente entra em êxtase e passa a falar em línguas estranhas, fenômeno este conhecido como glossolalia.

Esses suecos, Daniel Berg e Gunnar Vingren, provocaram uma dissidência na Primeira Igreja Batista do Pará, devido, principalmente, a práticas de adoração e oração e a divergências teológicas, mormente sobre a doutrina do batismo com o Espírito Santo e o dom de línguas estranhas (glossolalia), que eles introduziram e que logo tiveram acolhida de um grupo de membros da comunidade.

A formação da Assembleia de Deus em Portugal foi continuada pelo trabalho conjunto de missionários brasileiros e missionários suecos. Conseguimos registrar, em nossas pesquisas no museu da Assembleia de Deus em Lisboa (Fanhões), a participação de algo em torno de duas dezenas de missionários luso-brasileiros e suecos, trabalhando intensamente na organização de congregações e igrejas em regiões do centro e sul de Portugal, com maior incidência nas proximidades de Lisboa e da cidade do Porto.

Após esse brevíssimo excursus histórico, trataremos da criação da Assembleia de Deus na Covilhã, região da Beira Interior, a qual foge ao padrão acima descrito, pois foi uma igreja organizada por um casal de médicos ingleses, que já estavam em Portugal há 16 anos e foram atraídos para fazer missão pentecostal nas Beiras. Esta singularidade nos estimulou a adentrar no contexto da região e na especificidade da formação da igreja aqui nomeada, objeto deste artigo.

Assim, faremos um brevíssimo resumo sócio-histórico-geográfico do que constitui a cidade onde se implantou essa Assembleia de Deus serrana. Em seguida, discorreremos também, de forma sucinta, sobre o histórico da igreja. Por último, a narrativa tratará do cotidiano da comunidade pentecostal covilhanense, suas celebrações, seus frequentadores e como eles veem a trajetória de sua experiência pentecostal, desde o passado até a atualidade. Para tanto, recorreremos a entrevistas, observações de campo e pesquisa bibliográfica.

## **2. Destaques sobre o contexto sócio-histórico da Covilhã**

Faremos nesta parte alguns destaques para situar o contexto regional e, sobretudo, da cidade onde veio a se instalar essa Assembleia de Deus lusitana. Trata-se de uma região serrana, onde, desde o século XVI, se instalou uma dinâmica produção de panos, posteriormente evoluindo para um grande polo fabril de indústria têxtil. Não nos cabe recuar tanto na história. Apenas registraremos o que escreve Cátia Teixeira, em sua dissertação sobre movimentos grevistas na década de 1940:

A Covilhã era, no início dos anos 40, o mais importante centro têxtil de lanifícios do país: nesta altura existiam 404 fábricas em todo o país e a cidade da Covilhã albergava 132 delas. Nesse grande conjunto fabril, sem comparação com outros centros de lanifícios do país, estavam também as maiores e mais completas fábricas: 10 fábricas tinham para cima de 100 operários. Constituíam-se, também, como o único concelho do país que congregava todas as etapas na produção de tecidos de lã. Em 12716 operários de lanifícios no conjunto do país, as indústrias da Covilhã davam emprego a 5029 deles, dos quais 3684 eram homens e 1345 mulheres. Não sabemos, contudo, se os inquéritos industriais deste período consideraram o trabalho doméstico para as fábricas, habitualmente realizado pelas mulheres. (TEIXEIRA, 2012, p. 54)

O regime de trabalho nessas fábricas ocupava até três turnos, em algumas épocas e estações, a depender da demanda. Grande parte dos operários e operárias viviam em localidades a distâncias consideráveis do local de trabalho, o que os obrigava a gastar mais de uma hora para ir e voltar, diariamente. Os salários eram insuficientes para o sustento, porém não tinham como trabalhar em campos de cultivo, para completar a alimentação da família. A condição das mulheres e crianças nessas fábricas é assim descrita:

O turno da noite (entre as 16-24h), numa altura de racionamento, esgotava “ao duplo as energias físicas” e era composto por muitas mulheres e jovens operárias. Estas tinham, por sua vez, “patrões e empregados menos respeitadores”. Ganhavam menos que os homens e, por isso, encontravam trabalho mais facilmente, o que veio a ser uma das razões apontadas para as diversas correntes que desejavam retirar as mulheres das fábricas. O terceiro turno, que se estendia entre a meia-noite e a oito horas da manhã era, pelo menos legalmente, composto exclusivamente por homens. As crianças com menos de dez, doze anos, passavam “dias inteiros na rua sem a vigilância dos pais” e as restantes entravam para as fábricas com tenra idade. (TEIXEIRA, 2012, p. 54)

Durante o século XX, a população da Covilhã oscilou em quantidades que acusam crescimentos e perdas, mais em função da atividade econômica do que dos padrões demográficos de nascimentos e mortes. O quadro a seguir, transcrito da obra de António dos Santos Pereira, fundamenta nossa afirmação:

População da Covilhã – 1900-2001

1900	1930	1950	1960	1981	1991	2001
44.427	49.934	68.522	72.957	60.945	53.999	54.505

Fonte: PEREIRA, 2009, p.179.

Outra fonte, no caso, a **PORDATA**, Base de Dados de Portugal Contemporâneo, da Fundação Francisco Manuel dos Santos, oferece números mais recentes dessa variação populacional, com base em 31 de dezembro de cada ano. É possível observar que, de 1981 a 2018, a população do município esteve sempre a decair, conforme tabela abaixo.

1981	2001	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018
61.193	54.320	52.615	52.260	51.901	51.196	50.486	49.749	49.187	48.741	48.184	47.660	47.127

Fonte: **População residente, estimativas a 31 de dezembro**. Fontes de Dados: INE - Estimativas Anuais da População Residente. PORDATA Última actualização: 2020-02-07.

O apogeu dos lanifícios ocorreu entre as décadas de 1940 e 1960. É ilustrativo comparar essa fase com a situação de uma Europa mergulhada na 2ª Guerra Mundial e a economia portuguesa sob influência da nova realidade da guerra e do pós-guerra. Depois desse período, desapareceu a maioria dos lanifícios, alguns se modernizaram e poucos permanecem até a atualidade. Conforme registra Pereira:

Em alguns espaços urbanos, de forma notória na Covilhã, o condicionamento industrial favoreceu apenas os lanifícios que atingiram o respectivo apogeu nas décadas de quarenta e cinquenta, tal como o ciclo demográfico observado acima, invertendo-se desde então. [...] Algumas unidades chegaram aos nossos dias. Entre elas, a Nova Penteação e Fiação da Covilhã Lda., que arrancou, em 1935, com mais de quinhentos contos de capital social [...] e máquinas adquiridas em óptimas condições à Societé Alsacienne de Constructions Mécaniques. Os volumes de vendas e respectivos lucros foram notáveis logo nos anos imediatos. Em 1940, a empresa empregava 200 trabalhadores, aumentando o seu número após a Segunda Grande Guerra, contando mais de mil em 1960 e tornando-se líder do sector nas décadas seguintes. (PEREIRA, 2009, p.181 e 183)<sup>2</sup>

<sup>2</sup> O mesmo autor informa que a “recuperação desta empresa por Paulo Oliveira mereceu extenso capítulo na tese de doutoramento do secretário-geral da Intersindical, Manuel Carvalho da Silva, em 2007”. (p. 183)

Por volta de 1970, registra-se a decadência da maioria dos lanifícios, de modo a mobilizar a autoridade pública, com anúncio de propostas para a manutenção e soerguimento do setor. Em evento na Covilhã, o “Subsecretário de Estado do Planeamento económico [...] na Sessão de Abertura do Colóquio sobre Desenvolvimento Sócio-Económico da Zona da Cova da Beira”, em 21/03/1970, recomenda as seguintes medidas (PEREIRA, 2009, p. 280):

- modernização e diversificação da indústria de lanifícios;
- maior aproveitamento e industrialização dos recursos naturais agro-pecuários;
- melhoria da infraestrutura urbana e de serviços da região;
- expandir a exploração turística para diversificar a base económica da região;
- equacionar o problema de comunicações, com implantação de ligações para Coimbra e Porto, além de melhorar a ligação com Lisboa.

Sobre a decadência dos lanifícios, entrevistamos um profissional qualificado do setor. Ele atribuiu esse insucesso à falta de visão empresarial, à ganância, traduzida em baixa remuneração para os trabalhadores, e à intolerância quanto ao direito destes se organizarem em sindicatos:

Até à época, antes do 25 de abril, a indústria dos lanifícios floresceu. Floresceu... baseado numa realidade que... não era a melhor, baseada numa cultura, numa postura de baixos salários. E... nessa época, tirando dois ou três empresários, com uma visão no futuro na indústria dos lanifícios, souberam avançar, souberam se apetrechar e souberam ir para a frente... O resto viveu sempre exatamente nesse contexto dos baixos salários e numa proteção do próprio Estado que lhes dava, no sentido de chamado... Coiso industrial... como é que se chamava na altura... E o trabalhador? A reivindicação não existia, o trabalhador não podia abrir o bico, porque se havia qualquer coisa era considerado [... *inaudível*] (JJI, 81 anos, debuxador têxtil, entrevista realizada em 2/5/2017).

O mesmo informante discorreu sobre a atuação sindical. Os sindicatos eram fracos, tinham informantes do regime salazarista infiltrados. Pertencer a uma organização operária implicava tornar-se alvo de estigmas. O próprio entrevistado, até a altura da entrevista, não mencionava a palavra comunista, o que denota que ele ficou traumatizado com as perseguições que eram executadas. Ele acusa os empresários e suas famílias de desperdício fútil das fortunas que amealharam no auge da economia têxtil, salvo algumas exceções. Leiamos o que ele declarou:

Os sindicatos praticamente não tinham força. E, se houvesse um trabalhador que levantasse mais a voz era considerado contra o regime e alcunhado de outras – escuso de dizer o nome, porque a maior parte das... sabes, sabe como é que era. Porque a indústria na altura floresceu e ganhou muito dinheiro. A cidade da Covilhã ganhou muito dinheiro em termos da própria indústria, os patrões ganharam muito dinheiro, mas não o souberam aplicar... houve aí dois ou três... uma meia dúzia de empresários que consideravam os trabalhadores... eles é que eram o fruto da riqueza. O empresário limitava-se a conduzir a empresa, e a conduzir as vendas... os trabalhadores em si é que eram a força do seu trabalho. E a Covilhã, houve uma altura, mas ganhou tanto dinheiro, mas não souberam aplicar. Houve aí dois ou três... houve um caso que ainda está vigente, que é o sr. Paulo Oliveira, que fica muito novo sem o pai - ficou a ser gerido por um tio-avô – e ele quando atingiu a maior idade ‘atenção, isto é, meu!’. Hoje é o empregador nº1, digamos, aqui da Beira Baixa... tem quatro empresas, se não me engano. Tem a ‘Nova’, que agora já não é ‘Nova’, já tem outro nome, tem a Paulo de Oliveira em Seia, que era a mais antiga do grupo, tem a Penteadora e já ficou com uns pavilhões, que era para... como se chamava aquilo... do Cardoso Paiva. (JJI, 81a., 2/5/17)

De fato, o grupo Paulo Oliveira se apresenta como “a maior Empresa produtora de tecidos de lã da Península Ibérica e faz parte de um grupo que é um dos maiores da Europa neste sector”, com a produção de tecidos de lã fina para grandes grifes. As populações da Beira, e em particular da região da Covilhã, experimentaram, nos anos seguintes à década de 1960, um movimento de urbanização acentuado, devido a grandes mudanças relacionadas com o estancamento parcial das emigrações e, a partir de 1974, com o processo de democratização. Levas de habitantes foram atraídos para os centros urbanos à procura de trabalho, educação, saúde e outros benefícios próprios da condição cidadina. Pereira destaca que:

Em termos de ocupação do território, adensou todo o anfiteatro serrano desde o Tortosendo à Vila do Carvalho e ao Teixoso, desde Gouveia a Seia, estas duas vilas históricas, entretanto, elevadas ao estatuto citadino da Covilhã e da Guarda. O Fundão e Castelo Branco perderam as suas características rurais e [se] industrializaram. A sede de distrito de uma forma notável assim que conseguiu abastecimento de água de forma mais abundante do que no passado a partir da barragem da Marateca. A ligação à rede nacional de auto-estradas através da A23 auxiliou na aproximação aos principais centros do país e criou um eixo de desenvolvimento entre Castelo Branco e Guarda, com um dinamismo histórico ímpar. (PEREIRA, 2009, p.186)

No que diz respeito à educação de nível superior, a Beira foi despertada com a implantação de estabelecimentos já no final do regime salazarista. Porém, o impulso desse setor se deu, realmente, com a democratização do País. Pereira faz o seguinte registro:

Todavia, ainda antes da Revolução dos Cravos, tinha surgido na Beira Interior a instituição matriz da sua Universidade, o Instituto Politécnico da Covilhã, fundado em 1973. Este transformar-se-ia em Instituto Universitário em 1979 e Universidade em 1986. Actualmente compõem-na as faculdades de Artes e Letras, Ciências Sociais e Humanas, Ciências da Saúde, Ciências Exactas e Engenharias e vários centros de investigação que preenchem todos os ramos do saber e fazem da Covilhã uma cidade cosmopolita, frequentada por gente de toda a parte e onde se aprendem e falam as mais importantes línguas do planeta. (PEREIRA, 2009, p. 346)

O turismo ganhou destaque, com maior realce para a Serra da Estrela, destino dos que buscam o contato com a neve, e as estações de banhos termais, como Unhais da Serra. “Em 1958, era criada a Região de Turismo da Serra da Estrela que tem impulsionado a actividade a níveis elevados, particularmente na Covilhã, onde a oferta hoteleira multiplicou substancialmente na viragem do século XX para o XXI.” (PEREIRA, 2009, p.287). O ingresso de Portugal na União Europeia ampliou as oportunidades de turismo, com destaque para o fato de haver flexibilizado o acesso à Espanha.

A promoção da Estrela como destino privilegiado de turismo depois da adesão [à UE] fez aumentar a oferta de alojamento e obviamente o número de hóspedes que o procuram, curiosamente mais nacionais do que estrangeiros. O crescimento de um pouco mais de 13,5 % do número de camas na década que vai de 1984 a 1993 continuou na seguinte de forma mais acelerada, particularmente na Covilhã, como já lembrámos. À capacidade hoteleira, tem vindo a juntar-se um número cada vez mais considerável de unidades de Turismo em Espaço Rural. Em simultâneo, alargou-se a capacidade dos parques de campismo e foram criadas algumas praias fluviais dotadas de boas condições. (PEREIRA, 2009, p. 295).

Para concluir esta parte referente a um apanhado sucinto da história da Covilhã e região da Beira, entendemos ser importante um destaque sobre os conflitos e greves, visto se tratar de dimensão presente com maior intensidade em zonas industriais, cuja população pertence, em sua maioria, à classe operária. A história registra dificuldades, como expulsão de trabalhadores



rurais em Belmonte (1956) e marcha contra a fome em Covilhã, em 1958. O autor que vimos citando, informa:

Manifestação extrema de poder sentiram, em 1956, as catorze famílias de camponeses que habitavam a terra que viu nascer Pêro Álvares Cabral, o Colmeal da Torre. Por ordem judicial, foram expulsas da propriedade em que estavam instaladas. Em 15 de Fevereiro de 1958, os trabalhadores rurais do concelho da Covilhã levaram a cabo uma marcha contra a insidiosa fome. (PEREIRA, 2009, p.327)

Também foram registrados, na Covilhã, movimentos grevistas diversos, nas décadas de 1940, 1950 e 1960. Crises que geraram falências, incêndios criminosos de fábricas, agitações etc. Convém transcrever um longo trecho de pesquisa, que resume bem essa dimensão da realidade social beirão:

As greves sucederam-se particularmente nos anos de 1922 e 1923, 1924 e 1925. Em Março/Abril de 1930, devido à grave situação económica e social do país, eclodiu um movimento grevista de protesto no sector dos lanifícios no Tortosendo. Em Maio de 1941, esboçou-se uma tentativa de greve nas minas da Panasqueira. Em Novembro do mesmo ano, o movimento grevista atingiu os lanifícios covilhanenses e reincidiu em 1943. Em Janeiro de 1946, exigindo a melhoria das condições de vida e a instauração de um regime democrático, os operários covilhanenses realizaram um movimento grevista de grande amplitude. Apesar da intervenção policial, os trabalhadores conseguiram alcançar alguns dos seus objetivos: aumento dos salários e redução do horário de trabalho. Em 1947, sai o livro *a Lã e a Neve* de Ferreira de Castro, tendo por inspiração as greves do ano anterior. Os protestos operários multiplicaram-se em 1954 na Covilhã. Na fábrica Ranito Baltazar da Covilhã, uma comissão de operários reivindicava melhorias salariais. No estabelecimento fabril de Joaquim Pereira Espiga, exigia-se o pagamento de abonos em atraso e tinha lugar uma paralisação em manifestação de solidariedade com um trabalhador despedido. Na Alçada e C.<sup>a</sup>, os operários exigiam melhores condições de trabalho. Em 1958, chegou ao governo uma exposição subscrita por mais de mil operários dos lanifícios com o pedido de aumento dos salários.

Os primeiros anos da década de sessenta foram assinalados com greves, manifestações operárias nos principais centros fabris da Beira, designadamente no Tortosendo, em Maio de 1960, e na Covilhã, em Novembro de 1961. A repressão pela polícia política atingiu particularmente os elementos afectos ao PCP. Todavia, as iniciativas ligadas a fenómenos associativos que implicassem liberdade de expressão eram discretamente eliminadas pelo poder. [...] As greves voltaram na década de 70 ainda antes do 25 de Abril de 1974 e aumentaram nos anos imediatos. Sem referência temporal, chegou-nos a

notícia da desavença entre os tecelões do Teixoso e os operários das fiações covilhanenses que contestavam a saída da matéria-prima das fábricas da cidade para os teares daquela vila do concelho. (PEREIRA, 2009, p. 327-9)

Com este registro de greves e movimentos similares, terminamos esse breve histórico do contexto da Covilhã e arredores, para oferecer, a seguir, uma narrativa da implantação e presença da Assembleia de Deus nessa região.

Em algumas abordagens sociológicas e antropológicas, costuma-se associar a eclosão dos pentecostalismos ao fenômeno da pobreza.<sup>3</sup> Em quadros de miséria e carências materiais, quando não se consegue desenvolver organizações proletárias, e em alguns casos até por se tratar de populações subproletárias, que estão no nível mais baixo de busca de sobrevivência, ou, como diria Karl Marx, de massas de *Lumpenproletariat*,<sup>4</sup> a impossibilidade de conscientização tem levado esses grupos a uma busca sobrenatural, transcendente, milagrosa, de soluções para seus problemas.<sup>5</sup>

Sobre a possível interação ou relação entre membros da Assembleia de Deus e sindicatos, no auge das greves na Covilhã, perguntamos ao membro mais antigo em atividade, quanto a enfrentamentos ou dificuldades entre participar do sindicato e ser membro da igreja e ele respondeu que “nunca houve qualquer problema”. Insistimos, perguntando se tinha irmãos sindicalizados. E ele informou:

Certamente, porque o pessoal... logo a minha esposa, ela pertencia, portanto, à... à indústria e eles tinham sindicatos, sim senhor... Não sei lá qual era a ideologia do sindicato dela, mas tinha um sindicato que os defendia, porque após o 25 de abril [de 1974], quando depois começaram as reivindicações, houve muitas paragens, greves que faziam e tudo isso... E tinham sindicato. Mas em relação à igreja, nunca houve objeção, não. (HJS, 66 anos, entrevistado no dia 4 de maio de 2017).

<sup>3</sup> Em obras, como, por exemplo, ROLIM, 1985; ANTONIAZZI, 1994; SANCHIS, 2001; SOUZA, 2010; está presente essa abordagem.

<sup>4</sup> O termo significa, literalmente, “homem trapo”, e designa conjunto de miseráveis que não conseguem se organizar, destituídos que estão de recursos econômicos, sociais e culturais, e, também, desprovidos de consciência política e de classe. Marx e Engels trataram do assunto em **A ideologia alemã** e em **O dezoito de brumário de Luís Bonaparte**. (Confira MARX, 2011, e MARX; ENGELS, 2007)

<sup>5</sup> Para entender esse paradigma de abordagem, recomendamos, também, Melucci (2001). A obra trata dos movimentos sociais e mostra como ocorrem abordagens simbólicas, ou “sublimação” de problemas materiais, em sociedades complexas.

O único impacto sobre a igreja, com o fechamento de muitos lanifícios, segundo o mesmo interlocutor, foi porque [...] “alguns emigraram. Como ainda hoje tem muitos emigrantes [d]a igreja, em vários países. Sim, a partir daí aqueles que ainda se encontravam com algumas forças, emigraram”. (HJS, 66 anos)

O fato histórico é que a Assembleia de Deus da Covilhã começou em 1955, quando estava no auge a economia baseada nos lanifícios. Nossa pesquisa está inconclusa, embora já tenhamos entrevistado alguns contemporâneos dessa época, de dentro e de fora da igreja mencionada, e tenhamos realizado alguma pesquisa bibliográfica. Contudo, não encontramos indicações seguras que nos permitissem estabelecer algumnexo causal ou, pelo menos, alguma “afinidade eletiva”<sup>6</sup> entre o quadro de pobreza covilhanense e a chegada da Assembleia de Deus nas Beiras. Deste modo, julgamos que as pesquisas deverão continuar, para buscar essa relação e ir, certamente, muito além. A fim de cumprir nosso objetivo imediato, vamos continuar esta narrativa, adentrando no breve histórico da AD Covilhã.

### **3. Resumo histórico da Assembleia de Deus da Covilhã**

A Assembleia de Deus da Covilhã manteve um blog, atualizado até maio de 2015, de onde extraímos informações para este breve histórico (AD-Covilhã, 2016).<sup>7</sup> A Igreja se auto identifica como evangélica, pentecostal, filiada à Convenção das Assembleias de Deus em Portugal e à Aliança Evangélica Portuguesa.

Desde o início do século XX, houve presença de evangélicos na região das Beiras, com funcionamento de casas de oração em Castelo Branco, no concelho do Fundão, aldeia de Souto da Casa, e no concelho da Guarda. Há registros de que, para essa região, vieram evangelistas, como José Alexandre, colportor da Sociedade Bíblica, José Augusto Santos e Silva, Júlio Roberto dos Santos, António de Sousa Ramos e João Rodrigues Vicente. (AD-COVILHÃ, 2016).

---

<sup>6</sup> Em estudo sobre esse conceito, usado por Max Weber, Michel Löwy resume: “afinidade eletiva é o processo pelo qual duas formas culturais – religiosas, intelectuais, políticas ou econômicas – entram, a partir de determinadas analogias significativas, determinados parentescos íntimos ou afinidades de sentido, em relação de atração e influência recíprocas, seleção e reforço mútuos e convergência ativa.” (LÖWI, 2011, p.142).

<sup>7</sup> O site abrange os seguintes aspectos sobre a igreja: organização, equipes de trabalho, mensagens, testemunhos, atividades, fotos, e ainda oferece um livro de visitas, cujo último registro ocorreu em 2016. (Confira AD-COVILHÃ, 2016).

Ainda na primeira década do século XX, o casal Francisco e Filomena Vaz aderiu ao protestantismo, sob a influência de testemunhos numa Igreja Evangélica, localizada à Rua Dr. Manuel de Arriaga, em Lisboa. Depois, a família Vaz estabeleceu residência em Souto da Casa, onde acolhia fiéis e interessados para celebrações. Na Covilhã, os cultos eram realizados na casa de Ludgero Vicente.

Essa presença pioneira de evangélicos nas primeiras quatro décadas do século XX, nas Beiras, foi marcada por perseguições.

Em meados de maio de 1938, morreu um fiel no Souto da Casa, e o povo, instigado pelo ministro da religião, lutou bastante para impedir que o corpo fosse sepultado no cemitério. No entanto, não conseguiram. Tentaram assaltar a casa da família enlutada, chegando a partir telhas e vidros e só não fizeram mais, porque as autoridades impuseram a ordem. (AD-COVILHÃ, 2016)

Em 1939, chega a Portugal o casal de médicos ingleses Colin e Margareth Bowker, com a intenção de aprender o idioma português para, em seguida, trabalhar como missionários em Moçambique, àquela altura, uma importante colônia portuguesa. (BRANCO, 1981, p.17-18). Abrimos aqui um destaque sobre a família Bowker, por se tratar do casal de missionários que se dedicou à organização da Assembleia de Deus na Covilhã.

Colin Monypenn Bowker nasceu em 20 de junho de 1912, na Inglaterra, em Valley Field Weston Turville F. D. Era filho de um engenheiro de máquinas, Artur, e de Jessis Bowker. Formou-se nas ciências médicas e logo se casou com Margareth. Do matrimônio nasceram uma filha e dois filhos, Elspeth, André e David. Devido a embaraços com o regime salazarista<sup>8</sup>, a família esperou doze anos, sem obter o visto para dar entrada em Moçambique. A missão inglesa determinou que retornassem à pátria de origem. O casal não acatou a ordem e perdeu, em consequência, seu sustento financeiro. Desde 1940, porém, já haviam iniciado uma frente de evangelização em Amadora, onde se mantiveram até 1954. Para garantir seu sustento, os Bowker passaram a trabalhar no Instituto Britânico de Lisboa. Também se dedicavam à revisão de um Dicionário Técnico Poliglota.

---

<sup>8</sup> O **salazarismo** foi um regime político liderado por Antônio de Oliveira Salazar (1889-1970), que transcendeu a ele, pois vigorou durante 41 anos, entre 1926 e 1974. Era um sistema de governo autoritário, inspirado no fascismo italiano, e na Doutrina Social da Igreja. Para aprofundamento, sugerimos leitura da obra de Meneses (2010).

Retomemos a questão da presença evangélica na Covilhã. A ideia de que havia necessidade de missionários residentes na região, para consolidar e estruturar a presença da fé evangélica na Beira Baixa, começou com a iniciativa de um jovem, Samuel Robalo Rodrigues Vicente, o qual, em 30 de agosto de 1951, convidou o missionário Colin Bowker a visitar Covilhã. A revista *Novas de Alegria* relata esse fato, em matéria que foi abrigada no *site* da igreja:

Dois meses depois, o mesmo jovem apela aos obreiros, em geral, através da Revista *Novas de Alegria*, com as seguintes palavras: “Passa à Covilhã e ajuda-nos ... [Aqui há] almas perdidas; não temos sequer uma pequena casa onde ouvir a palavra de Jesus Cristo.”. Estes apelos tocaram o coração dos irmãos Bowker, e em outubro de 1954, vieram, definitivamente, para a Cova da Beira. (AD-COVILHÃ, 2016)

As primeiras reuniões e cultos, sob a liderança do missionário Bowker na Covilhã, foram realizadas na Rua José Valério da Cruz, 22, conforme documento dirigido ao Governador Civil de Castelo Branco. De fato, o *site* da igreja informa que:

Depois de algumas dificuldades, em 1955, a família Bowker conseguiu alugar uma casa na Rua Dr. José Valério da Cruz, e no dia 24 de Abril do mesmo ano foi inaugurada uma das primeiras Assembleias de Deus da Beira Baixa. Nessa casa realizaram-se as primeiras reuniões evangélicas, sob a liderança do irmão Colin Bowker. Mais tarde, alugou outra casa na rua dos Combatentes da grande Guerra N°22, 2°, para a realização dos cultos. Essa serviu de casa de oração até Julho [de] 1992. Posteriormente, foi adquirida, definitivamente, uma casa propriedade da Assembleia de Deus da Covilhã, na Rua da Indústria. (AD-COVILHÃ, 2016)

A inauguração da primeira Assembleia de Deus na Beira Baixa foi um evento de grande importância para a denominação. No dia 24 de abril de 1955, conforme mencionado, acorreram à Casa de Oração tantas pessoas que o salão no piso superior ficou superlotado, bem como a escadaria que lhe dava acesso, de modo que outros interessados, impedidos de entrar, ficaram na rua. Esteve presente o pioneiro da missão brasileira em Portugal, pastor José Plácido da Costa, com um grupo de membros da Assembleia de Deus de Valezim.

Com menos de cinco meses de inauguração, no dia 11 de setembro de 1955, foram batizados por imersão, numa ribeira próxima da Aldeia do

Carvalho, os seguintes crentes: Alberto Mota de Sousa, Samuel Robalo Vicente, Ludgero Robalo Rodrigues Vicente, João Tavares e Henriques da Costa.

A Assembleia de Deus da Covilhã, a partir de então, funcionou como centro propagador da obra pentecostal por toda a região. Assim, foram abertas casas de culto em Castelo Branco, Aldeia do Carvalho, Fundão, Aldeia de Joanes, Aldeia da Granja, Carvalheda, Aldeia do Bispo, Aranhas, Curral, Retaxo e Quintãs. Em geral, os crentes pioneiros que formaram essas congregações sofreram dificuldades e perseguições, a ponto de a Guarda Nacional Republicana (GNR) precisar intervir, conforme relatos de membros mais antigos da igreja.

Um dos nossos entrevistados descreve hostilidades da parte de católicos, nas duas primeiras décadas da presença pentecostal na Beira:

No ano de 68 para 69, devia ter sido a data que eles chegaram aqui à Covilhã – Domingos Cruz Dias Barradas [*o entrevistado se refere à chegada da família desse pastor*]. E foi uma época muito complicada. Já tinha sido antes, porque nesse tempo era difícil as pessoas... ainda hoje... aceitar o Evangelho, não é. Já com os irmãos Bowker tinha sido muito difícil, muito complicado, porque os irmãos, como eu conheci, e o médico como ele era e aquilo que o nosso Estado lhe fez... não aceitavam, quase que o obrigaram a fazer um exame, digamos da 4ª classe, para ele poder exercer... Complicado. Pois, então, este irmão Domingos Barradas, ainda eu não sendo batizado – como já disse, fui batizado depois por ele no ano de 71, para ir para a tropa – comecei a cooperar muito cedo com ele. Nessa altura, tínhamos uma casa de oração, ali perto da Guarda. Casa de oração não era bem, era uma casa de irmãos e tínhamos Quintãs, era uma situação muito complicada, muito, muito. Porque recorda-me, ainda, uma vez que nós fomos de Quintãs e o padre mandou tocar o sino a rebate, veio o pessoal todo, com as enxadas, com as forquilha... e o Domingos Barradas esteve mesmo com a enxada ali no pescoço. Coisas dolorosas... estamos a falar de coisas de há 53, 54 anos atrás. (HJS, 66 anos, entrevista realizada em 4/5/2017).

Um jovem pastor da Assembleia de Deus presenciou atitudes agressivas e desrespeitosas contra os evangélicos que se reuniam na pequena congregação da Assembleia de Deus em Seia, em tempos bem mais recentes:

Ainda no meu tempo em Seia, tinha 16, 17 anos, antes de ir para a faculdade. Estamos a falar [dos] anos de 1998/99; estávamos no culto, a igreja era pequenina, uma congregação de Coimbra, uma Assembleia de Deus de Coimbra. Tem a porta, depois tem um pequeno biombo e nós não conseguíamos ver – para proteger do frio – e, muitas vezes, vinham ali dar

pontapés, vinham arrotar para a porta, falavam duas ou três asneiras bem alto, entravam com um saco com batatas. Isto em 98/99, ainda havia esta falta de respeito. Se bem que era mais delinquentes; mas, muitas vezes, os pais sabiam e não atuavam. (HEAS, 34 anos, pastor, presente na entrevista de HJS, em 4/5/2017).

Nesse contexto, situamos o relato sobre a origem da igreja. Um dos assembleianos entrevistados se refere à família Vicente, de onde partiu o convite para os missionários ingleses virem trabalhar na Covilhã. Ele começa referindo-se a Samuel Robalo Vicente:

Ele pediu para Lisboa que mandassem alguém, à Covilhã, para os ajudarem, que foi o Irmão Colin Bowker. O irmão Colin Bowker depois falou com um irmão que estava lá para o Brasil, também, que era o... que era ali de Valezim. O nome já não me lembro. Já não me lembro assim bem do nome dele. Eu sabia o nome dele, mas ele andava para Valezim.<sup>9</sup> E depois vieram cá, vieram cá, ajudaram. Então, o pai desses Vicentes tinha uma recauchutagem de pneus, e eles começaram a fazer cultos para eles, os quatro: era os dois filhos, o pai e a mãe, lá na recauchutagem. Depois, ali ficou, depois foram outra vez para Lisboa, depois vieram cá, de vez em quando, para lhe darem coisa espiritual, que eles precisavam, estavam aflitos, viram-se aí aflitos com os católicos [*pequeno trecho inaudível*]. Pronto, e eles começaram cá a vir, começaram cá a ficar e cá ficaram. Depois eles trabalhavam, eram médicos, mas trabalhavam. Davam consultas de borla<sup>10</sup>. E, onde viviam, alugaram, então, um quarto. Depois só me lembro que eles foram ali para a Rua dos Combatentes da Grande Guerra. Ali está, nº22, mas é 2... nº2, segundo ... segundo andar. (FMMS, 80 anos, reformado, motorista de autocarro, maio 2017).

Continuam as informações sobre essa família, com destaque para o outro irmão, Ludgero, que o entrevistado chama Ludgério. Juntamos algumas frases, para manter a clareza do relato. Segundo esse membro antigo da igreja:

Os primeiros que foram batizados foram o Samuel e o Ludgério. O Samuel já faleceu há uns poucos de anos, e o Ludgério... já foi operado duas vezes ao coração. Já só anda junto com a filha. Está aí: Samuel Robalo Vicente, está certo. Esse é que chamou o próprio irmão Colin Bowker. E depois tinha cá o irmão também, não é? Que era o Ludgério. O Samuel já faleceu há uns quatro ou cinco anos e estava lá para cima, em Valência; ainda está lá a filha. Depois

---

<sup>9</sup> Conforme nossas pesquisas no museu da Assembleia de Deus em Lisboa, Fanhões, trata-se de José Plácido da Costa.

<sup>10</sup> Consultas gratuitas, no vocabulário de Portugal.

estava cá: o Ludgério estava em Mafra, mas já não dá assim. Estive com ele há uns 3 anos, mas já não diz assim coisa com coisa. Deu-lhe um AVC, foi operado duas vezes ao coração, só anda com a esposa; nem vai aos cultos, nem nada já. (FMMS, 80 a., reformado, motorista, maio 2017).

Ainda sobre os primeiros membros, FMMS ofereceu um breve apanhado, entremeadado de comentários:

Agora, mais velho que existe no livro é a Patrocínia Barata, é o nº 82. Eu tenho lá um livro com os membros todos, conforme vão morrendo, eu vou riscando. Depois, ainda há uns assim mais velhos do que o Humberto; há um que é o Matias, que fez a decisão no tempo do irmão Dias.<sup>11</sup> Ora, é a Patrocínia, é o irmão Matias e a mulher, e não sei qual é que é mais [antigo]. Depois, se calhar, é já o Humberto e a mulher, e depois eu. Mas, quer dizer, dos que lá estão agora assim, tirando a Patrocínia, o mais velho é o Humberto e depois sou eu, mas de resto é tudo já... já são todos convertidos do tempo do Agostinho. Ora, o Humberto, não; o Humberto é do Domingos Barradas; depois foi para a Guiné, depois veio no tempo do [inaudível]... Depois foi no tempo do Samuel é que foi. Tanto que eu, um dia, ainda lhe disse a ele: “Oh, irmão Humberto, saiu e agora entrou pela porta do cavalo, não é? Entrou e saiu, assim sem mais nem menos, nem deu uma satisfação à igreja, nem aconteceu isto nem aconteceu aquilo?...” – “Ah, então! o pastor aceitou!... – Está bem, o pastor aceitou, é bem-vindo.” Mas de resto, depois daí, mais nada... até que depois, no tempo do João Estevão, não me quis estar a chatear. (FMMS, 80 a.)

Já outro membro antigo da igreja conta como foi seu primeiro contato com um pastor, quando ainda era um miúdo, a entrar na adolescência, mas que já trabalhava fora de casa. A recordação é a seguinte:

Eu vim ao conhecimento da igreja, propriamente dito, por intermédio de um pastor, que é António Barata e... isto porque, embora não estando ele a pastorear aqui na igreja, mas ele vinha, vinha, portanto, de Castelo Branco aqui e há uma igreja que existia aqui perto, que era na Vila do Carvalho, hoje – na altura era Aldeia do Carvalho. E, cada vez que ele passava, dava-me boleia numa mota grande que ele tinha. E eu achava aquilo engraçado, porque eu vim aqui trabalhar, para a cidade, muito novo e, nessa altura, os transportes eram complicados (e se é que havia...) não havia era disponibilidades financeiras para se ir de transporte... e eu ia a pé. Daqui da cidade da Covilhã para a

<sup>11</sup> Neste ponto da fala, HJS se refere à primeira cisão das três que ocorreram na história da igreja, e que não teremos espaço para descrever neste artigo.



Vila do Carvalho, que são 4km e qualquer coisa... e durante os dias que ele vinha dar assistência, semanalmente, lá ao culto, ele sempre me apanhava pela estrada fora e me levava na moto, e eu achava aquilo engraçado... tanto que, depois, naquela coisa de miúdo, até ainda lá ia fazer perturbação, porque a igreja ficava no 1º andar, com uma escadaria de madeira. Eu e os outros miúdos, que erámos todos miúdos, eu falei aqui no ano de 1964, mas nessa altura, devia ser o ano de 61 e 62... (HJS, 66 a., entrevistado em 4/5/17).

O mesmo entrevistado esteve na Guiné e se recorda da época do pastor Domingos Cruz Dias Barradas, que foi quem o batizou e quem com ele partilhou muitas atividades, inclusive na congregação da igreja em Quintãs. Mas ele se recorda de outros em sua trajetória de quase meio século como pentecostal:

O pastor Domingos Barradas foi o, digamos, o pastor com quem eu mais... me agarrei, digamos... porque travámos uma amizade muito grande. Não quer dizer que isso não tenha acontecido com outros, que já passaram por aí. Mas, pronto... era um homem maduro já... E a seguir a ele, outros vieram; como por exemplo, António Dias Gonçalves, e outros mais; estou-me a lembrar daquele irmão açoriano, que é o Serafim Martins da Câmara. Um irmão que passou por aí também, que era espanhol, que é... e a esposa é irmã do David Santos... (HJS, 66 a.).

Esses entrevistados também trouxeram recordações sobre suas primeiras experiências ou contatos com essa nova expressão de fé. Nessa volta ao passado, recordaram a atuação de alguns pastores, suas marcas distintivas, ênfases e modo de trabalhar. Um deles, lendo a lista de pastores que lhe apresentamos, teceu breves comentários:

Quem comprou essa casa na [Rua da] Indústria foi o Agostinho Meireles. O Colin Bowker... José da Cunha Oliveira Pessoa, está bem; Artur de Silva Rodrigues, não me lembro dele... do Pessoa, lembro... Domingos da Cruz Barradas... aqui foi quando começou a igreja a ser autónoma. Depois o António Dias Gonçalves foi com quem eu aceitei o Senhor. Esteve cá em 1975. E depois nessa altura, foi em 1973, que houve a primeira conferência mundial, cá na Covilhã. Foi com o irmão Dias Gonçalves. Depois o irmão Dias Gonçalves saiu... (FMMS, 80 a., reformado, motorista, maio 2017).

Pesquisamos, porém não obtivemos informações precisas sobre o que FMMS denomina “conferência mundial”. Encontramos, porém, registro de

uma “Campanha Nacional”, em 1973, no *sítio* da igreja, a qual foi realizada na época do pastor Antônio Dias Gonçalves, cuja gestão foi entre 1972 e 1975. O mesmo entrevistado relata que nessa época teve o primeiro contato com os protestantes, quando foi escalado para servir como motorista do autocarro contratado para transportar os participantes do referido evento. Sua expectativa era grande e ele confessa que alimentava certo preconceito quanto ao caráter dessa gente.

Houve ali a conferência, ao pé do tribunal, e foi numa dessas conferências que me converti. Eu trabalhava nos autocarros; e aquilo era sábado e domingo, não é. No próprio domingo era muita gente. Então o patrão chamou-me e disse: “Oh Saraiva, anda cá. Olha, tu prepara-te porque vais trabalhar com os protestantes.” E aquilo pra mim, “protestantes?” Eu andei a estudar para padre... tinha lá muitos... E pronto, está bem. E o patrão: “é melhor porestes a pau, é capaz de arranjar para ali qualquer coisa”. E eu disse: “Ouça, não há problema, não me vão matar, acho que não me vão matar. O nome protestantes... protestam, não sei... protestam lá uns com os outros?” – “Então põe-te a pau.” – “Está bem”. Lá andamos ali a transportá-los, do Pelourinho, todos lá para baixo. O que me põe assim arrepiado é... chegou um autocarro e chegou um irmão e diz assim: “Olhe, o senhor não tem que ter problema, conte-os”. E eu: “um, dois, três quatro, cinco, seis, sete, oito...” Leva cinquenta ou sessenta lugares. – “Quanto é?” – “É xis”. Isso chamou-me a atenção. Pagavam todos. E depois diziam-me assim: “Olhe lá, a gente pode cantar aqui uns corinhos?”. – “Desde que não incomodem ninguém, já pagaram, até lá embaixo é para vocês.”. E eles começavam a cantar. Eu lembro-me de uma coisa que era assim: “Este culto. Que culto é este?” ... Isto era o que eles cantavam. Lá chegavam, saíam... e nós vínhamos buscar mais. No sábado, das cinco até à meia-noite, a catar pessoal para lá e domingo, logo de manhã até às 3h da tarde. Depois, às 3h da tarde aquilo acabou, lá se foram embora e acabou o nosso serviço. No dia de segunda feira, o patrão chamou-me e disse-me assim: “Então, como é que te arranjaste?” O patrão era religioso, ia todos os dias comungar, todos os dias ia à missa e ia lá comer a hóstia. E eu disse: “Oh, patrão, olhe, eu nunca encontrei pessoal tão sincero e tão educado como aquele.” – “Então, porque estás a dizer isso?” E eu disse: “Olhe, chegavam lá e diziam pra mim: Conte-os” ... E eu: 1,2,3,4,5, 6, 7, 8, 9... Tá aqui, pronto. Não armaram zaragata nenhuma nem disseram isto é assim... pediram para cantar e eu disse-lhes que sim... iam todos juntos, eram todos da mesma família. Não correu bem, correu ótimo. E isso chamou-me a atenção, à minha mente. Aquilo foi em 73, depois em 74. O irmão Dias Gonçalves tinha uma fala muito meiguinha... começou a visitar lá a minha esposa... tanto que a minha esposa aceitou logo o Senhor, em janeiro. (FMMS, 80 a., reformado, motorista, maio 2017).

A Assembleia de Deus da Covilhã já teve um número maior de frentes de trabalho do que tem hoje. Até o mês de abril deste ano (2017), eram mantidas cinco congregações: Sabugal, Quintãs, Belmonte, Unhais da Serra e Fundão, algumas na iminência de fechar, devido à presença mínima de frequentadores, pois testemunhamos reuniões com apenas dois ou três moradores do local, acrescidos de meia dúzia dos que se deslocavam da sede, para animar a celebração. Sobre Quintãs, o entrevistado HJS trouxe uma carta, na qual seu amigo, Domingos Antunes, conta sua experiência religiosa, associando-a àquela congregação:

Prezados irmãos em Cristo, achei por bem dar-vos o conhecimento ao tempo que se prega o evangelho em Quintãs. Querendo fazer uma festa de ação de graças e louvores a Deus, aos 25, aos 50 ou mesmo aos 100 anos, saberemos a idade da igreja. Indo eu para o Brasil, em 1928, e continuando como cá, indo à missa, e levaram-me a uma igreja evangélica. Gostei muito da pregação e aceitei Jesus, em 15 de setembro, de 1929. Fui batizado a 5 de julho de 1931. Vim para Portugal, cheguei a Quintãs a 16 de março de 1932. Achava-me muito alegre, materialmente, junto da minha família, mas espiritualmente triste, com a falta dos cultos. Em 24 de agosto de 1937, voltei para o Brasil, aonde permaneci 11 anos. Voltei para Portugal, chegado a Quintãs a 5 de outubro de 1948, voltei para a mesma tristeza, isolado do evangelho. Até que num sábado, anterior ao 1º domingo de abril de 1959, veio de Lisboa a minha nora Maria Teresa, e me disse que havia uma igreja evangélica, na Covilhã. Num outro dia, isto é, no 1º domingo fui mais ela à Covilhã, ao culto e convidei o pastor para vir a Quintãs, a pregar o evangelho, o qual aceitou. No 2º domingo, doutores Bowker e sua esposa, D. Margarida Bowker pregaram o evangelho em minha casa. Desde o 2º domingo de abril de 1959 até 27 de agosto de 75. Dia 31 de agosto de 1975, foi domingo, inaugurou-se a igreja ou a casa de oração, em Quintãs. O vosso bem, Cristo Jesus. Domingos Antunes.

Nesses 62 anos de funcionamento, a Assembleia de Deus da Covilhã contou com a liderança de 16 pastores. O atual, Hugo Silva, que tomou posse no outono de 2016, é seu 17º pastor. A média de permanência, excluindo-se o atual, é de três anos e nove meses para cada líder nesse cargo. Este pode vir a ser um indicador, dentre outros, para ajudar na interpretação do porquê da modesta presença dessa igreja na Beira e, especificamente, na comunidade covilhanense.

#### **4. Considerações finais**

A pesquisa que realizamos visou identificar possíveis relações entre a realidade social das Beiras, em Portugal, notadamente sua vocação econômica

como importante polo da indústria têxtil europeia, e a formação de uma comunidade pentecostal, denominada Assembleia de Deus da Covilhã.

Foi com esse objetivo que recorreremos a fontes de informação histórica e trabalhos acadêmicos, os quais trouxeram à luz as dinâmicas de desenvolvimento industrial da região, movimento esse não linear, refletido nas oscilações de crescimento e decréscimo da população da Covilhã, no período de 1900 a 2018. Destaca-se aí, principalmente, o dinamismo do movimento operário na região, durante a segunda metade do século passado.

A Assembleia de Deus da Covilhã nasceu nesse berço. Neste artigo, optamos por apresentar a origem e alguns recortes históricos sobre a Assembleia de Deus na Covilhã. Uma singularidade que precisa ser destacada é que, enquanto em outras terras lusitanas o movimento foi espalhado, desde 1913, por missionários que emigraram do Brasil, onde haviam se convertido ao pentecostalismo, numa forma de missão reversa, pois retornavam à “santa terrinha” para compartilhar com seus patrícios a interpretação do evangelho, segundo a doutrina pentecostal, na Covilhã, essa obra missionária foi estruturada por um casal de médicos ingleses, que a realizaram sem apoio da agência britânica que os enviara a Moçambique, missão essa abortada, devido aos obstáculos impostos pelo regime salazarista. Eram, portanto, missionários que se autossustentavam, ou seja, eram “fazedores de tendas”, conforme o exemplo legado pelo apóstolo Paulo (BIBLIA, 1985, Atos, cap.18)

Nossa busca de informantes foi exitosa ao encontrar remanescentes dos fiéis das primeiras gerações que ainda frequentavam as atividades da igreja, em 2017. Conseguimos entrevistar dois senhores que, àquela altura, tinham 66 e 80 anos. Não foi possível obter informações mais detalhadas das suas respectivas esposas, apesar de termos sido apresentados a uma delas.

Dessas entrevistas sobressaltou a intolerância do campo católico contra os seguidores da nova fé evangélica. Em que pese essa adversidade, ou talvez desafiados por ela, destacou-se a vocação expansionista desses crentes, na forma como, em duas décadas, abriram uma dezena de casas de culto em localidades espalhadas na região das Beiras.

Em observações feitas durante nossa permanência de quase um ano nessa comunidade pentecostal, constatamos que muitos membros tiveram que migrar para outros países, tangidos pelas necessidades de sobrevivência. Um dos entrevistados experimentou essa condição. O outro, motorista, octogenário, destacou o caráter ético dos crentes, na época em que prestou

serviços para a comunidade, o que teria levado, ele próprio, a abraçar essa nova modalidade de vida cristã pentecostal.

Em que pesem esses destaques, a presença da Assembleia de Deus na Covilhã é pouco notada, como de resto a presença de igrejas evangélicas em Portugal, um país que mantém todo um *ethos* e *pathos* católico, ou pós-católico, sem, contudo, abdicar dessa tradição que o caracteriza (e nem pode fazê-lo, pois constitui traço forte de sua identidade). Todavia, para um pesquisador brasileiro, de origem e formação evangélica, a ideia que a sociedade portuguesa transpira é de uma formação cultural que não tem lugar para outras religiões, nem para as cristãs, e, menos ainda, para as de outro campo. A fé pentecostal na vida lusitana, pela dimensão tímida que oferece ao observador, leva-o a suspeitar que estamos diante de mais um caso de “ideia fora do lugar”.<sup>12</sup>

Finalmente, registramos que o material etnográfico, colhido durante dez meses, tempo no qual frequentamos essa comunidade pentecostal da Covilhã, permitiu-nos viver seu cotidiano, acompanhar a dinâmica de cultos e reuniões diversas e entender sua organização e das equipes de trabalho. Também foi possível registrar conteúdos de mensagens e testemunhos, tanto na sede como nas congregações do interior da região. Observamos, ainda, a atuação de alunos estrangeiros da Universidade da Beira Interior, notadamente africanos, que frequentavam a igreja. Acompanhamos também a participação destacada de algumas famílias de imigrantes brasileiros, integrados nos serviços religiosos e na liderança da própria comunidade. Enfim, todo esse material é interessante, mas ainda está em forma de rascunho, para ser trabalhado e compor outros textos.

## Referências

AD-COVILHÃ. Sobre nós. Covilhã: 2016. Disponível em <http://adcovilha.webnode.pt/sobre-nos/>. Link consultado a partir do site <http://www.radiogospelcovilha.com/home/>. Acesso em 06.04.2017.

ANTONIAZZI, A. (Org.). **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. Petrópolis: Vozes, 1994.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.

---

<sup>12</sup> Essa frase foi utilizada para criticar o tipo de liberalismo que se pretendeu estabelecer no Brasil. (Cf. SCHWARZ, 1977). Aqui, tomamos a liberdade de aplicá-la para considerar as dificuldades que se têm apresentado para implantação do pentecostalismo em Portugal.

BRANCO, Paulo. **Panorama Pentecostal das Assembleias de Deus em Portugal**. Lisboa: CAPU, 1981.

LÖWY, Michael. Sobre o conceito de “afinidade eletiva” em Max Weber. **Plural**, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.17.2, 2011, pp.129142. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/285543340\\_Sobre\\_o\\_conceito\\_de\\_afinidade\\_eletiva\\_em\\_Max\\_Weber\\_Michael\\_Lowy](https://www.researchgate.net/publication/285543340_Sobre_o_conceito_de_afinidade_eletiva_em_Max_Weber_Michael_Lowy). Acesso em 22/05/2020.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã: crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas (1845-1846)**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente: movimentos sociais nas sociedades complexas**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MENESES, Filipe Ribeiro de. **Salazar: uma biografia política**. 3. ed. Lisboa: D. Quixote, 2010.

PAULO DE OLIVEIRA, S.A. Site oficial da empresa na internet. Disponível em: [http://www.paulo-oliveira.pt/pt\\_base.htm](http://www.paulo-oliveira.pt/pt_base.htm). Acesso em 20/05/2020.

PEREIRA, António dos Santos. **Portugal adentro do Douro ao Tejo: o milénio beirão**. Covilhã, PT: UBI, 2009.

PLURAL, Revista do Programa de Pós Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.17

**PORDATA. Base de Dados de Portugal Contemporâneo. Fundação Francisco Manuel dos Santos. População residente, estimativas a 31 de dezembro**. Disponível em: <https://www.pordata.pt/Municipios/Popula%C3%A7%C3%A3o+residente++estimativas+a+31+de+Dezembro-120>. Acesso em 20/05/2020.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SANCHIS, Pierre (Org.). **Fiéis & cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

SCHWARZ, Roberto. **Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro**. São Paulo, Duas Cidades, 1977.

SOUSA, Nélia. O mundo dos não católicos: Igrejas de um só Deus. **Urbi et Orbi**, jornal *on-line*. Covilhã, edição n° 79, 7 a 13 de agosto de 2001, Universidade da Beira Interior. Disponível em [http://www.urbi.ubi.pt/010807/edicao/79repo\\_doutr.html](http://www.urbi.ubi.pt/010807/edicao/79repo_doutr.html), acesso em 25/05/2017.

SOUZA, J. **Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: UFMG, 2010.

TEIXEIRA, Cátia Sofia Ferreira. **As greves dos operários de lanifícios da Covilhã no Inverno de 1941: o início da agitação operária em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial.** 2012. 121p. Dissertação (Mestrado em História Contemporânea) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/8643/1/Tese%20de%20Mestrado%20C%C3%A1tia%20Teixeira.pdf>. Acesso em: 19/05/2017.

WEBER, Max. **Sociología de la religión.** Madrid: Istmo, 1997.